



Faculdade  
**SANT'ANA**

**O HISTÓRICO DA PSICOLOGIA INSTITUCIONAL E AS CONTRIBUIÇÕES  
DA ESCUTA PSICANALÍTICA EM ESPAÇOS NÃO-CLÍNICOS**

**THE HISTORY OF INSTITUTIONAL PSYCHOLOGY AND THE  
CONTRIBUTIONS IS PSYCHOANALYTIC LISTENING IN NON-CLINICAL  
SPACES**

Glaucia Maria Batista <sup>1</sup>  
Tabata Carneiro Trindade <sup>2</sup>  
Edimara Gomes Rambo <sup>3</sup>

Data de protocolo: 05/11/2021

Data de aprovação: 30/11/2021

**Resumo:** O artigo baseia-se na apresentação de um estudo bibliográfico sobre o histórico do surgimento das instituições e suas conjunturas, conceituando e diferenciando a Psicologia Institucional versus Psicologia na Instituição. Enfatizaremos os objetivos, as ideologias e qual o papel de atuação do profissional psicólogo nestes espaços. Dentro deste contexto faremos uma provocação de como há campos para inserção e sustentação de uma escuta psicanalítica nestes ambientes não-clínicos. Destacaremos algumas estratégias, prerrogativas e condutas, das quais um Analista poderá munir-se para que a contribuição do seu processo de escuta do sujeito Analisando, seja explorada de forma eficaz e sustentável dentro da instituição, trazendo assim possibilidades de intervenção, a partir da escuta psicanalítica, num diálogo entre a teoria e o contexto institucional.

**Palavras-chave:** Psicologia Institucional; Instituição; atuação; Escuta psicanalítica.

**Abstract:** The article is based on the presentation of a bibliographical study on the history of the emergence of institutions and their circumstances, conceptualizing and differentiating Institutional Psychology versus Psychology in Institutions. We will emphasize the objectives, ideologies and the role of the

<sup>1</sup> Acadêmica do 10º período do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana.

<sup>2</sup> Acadêmica do 10º período do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana.

<sup>3</sup> Docente do 10º período do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana.

professional psychologist in these spaces. Within this context, we will make a provocation of how there are fields for insertion and support of a psychoanalytic listening in these non-clinical environments.

We will highlight some strategies, prerogatives and behaviors, which an Analyst can use so that the contribution of his listening process to the subject Analyzing, is explored in an effective and sustainable way within the institution, thus bringing possibilities of intervention, based on listening psychoanalytic, in a dialogue between theory and institutional context.

**Keywords:** Institutional Psychology; Institution; acting; Psychoanalytic listening.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva nortear o leitor sobre os conceitos e estratégias que permeiam a Psicologia Institucional, tornando-se estes espaços não-clínicos, passíveis da prática de uma escuta psicanalítica. Conforme Freud (apud VALE, 2020) *“A escuta psicanalítica é desintegrativa, curativa, epistemológica, com serenidade e empatia”*.

Guiados por este estudo, faremos distinções e diferenciações enquanto prática institucional, abordando também os conceitos, objetivos e estratégias facilitadoras que podem proporcionar e sustentar uma escuta profissional dentro de espaços institucionalizados, favorecendo e criando frentes de atuação e trabalho para o Psicanalista.

Inicialmente, apresentaremos o conceito e objetivo de uma Instituição, enraizados pelos estudos de Bleger. Num segundo momento pretendemos distinguir os conceitos entre Psicologia Institucional e Psicologia na Instituição e na sequência, fazemos menção ao conceito de Psicologia Institucional.

O quarto e quinto item, sugerem como se dá o papel de atuação dos Psicólogos e as Estratégias que podem ser adotadas dentro deste espaço. Por fim, o último tópico, traz uma breve revisão bibliográfica de métodos e boas práticas, que se tornam eficientes para serem aplicadas em ambientes institucionais, garantidos pelos estudos de vários Psicanalistas que já abordaram este tema em seus escritos.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa básica quanto a sua natureza, qualitativa quanto à forma de abordagem dos temas e bibliográfica a partir de

autores referenciados, dentre os quais destacamos: CASELLA, Márcia. Estratégias em Psicologia Institucional, 2004; GUIRADO, Marlene. Psicologia Institucional: O Exercício da psicologia como Instituição, 2009; BLEGER, José. Psico-Higiene; DUNKER, Christian; THEBAS, Claudio. O Palhaço e o Psicanalista: como escutar os outros pode transformar (2019) Como aprender a escutar o outro? (2017); MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCAO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta, 2005; CARVALHO, Fabio Rodrigo Oliveira. Sobre a Escuta Psicanalítica: como aprender, 2019. FIGUEIREDO, Luís Claudio. As Escutas da Psicanálise, 2014; GRACIA, et. al; Psicanálise em instituições, 2021. CAZANATTO, et. al; A Escuta Clínica Psicanalítica em uma Instituição Pública: construindo espaços, 2016.

## **OBJETIVO GERAL**

Apresentar um referencial histórico e teórico do surgimento das Instituições e da Psicologia no âmbito institucional, somado as contribuições que o exercício da escuta psicanalítica pode alcançar nestes espaços não-clínicos.

### **Objetivos Específicos:**

- Guiar o leitor a uma construção histórica no que tange Instituições;
- Diferenciar Psicologia Institucional de Psicologia na Instituição;
- Gerar reflexões sobre a importância e benefícios de ter um espaço de escuta psicanalítica em ambientes institucionalizados.

## **1 CONCEITO E OBJETIVO DA INSTITUIÇÃO**

Para entendermos melhor o surgimento da Psicologia Institucional e sua distinção com Psicologia na Instituição, devemos entender primeiramente os conceitos de Instituição.

No conceito de Bleger (1984, p.37):

Instituição não é só um lugar onde o psicólogo pode trabalhar, é um nível da sua tarefa (...) o psicólogo como profissional deve passar da atividade terapêutica (doença e cura) para a da Psico-Higiene (população sadia e promoção da saúde).

No histórico do surgimento das instituições observa-se que estes locais eram depósitos do indigesto social. O que a sociedade não enquadrava nos padrões sociais, deveria ser tratado de forma excludente, ou seja, este rótulo do indesejável se apropriava da instituição como um todo, incorpora-se nela a mesma titulação que a de seus atendidos, passando a ser mal assistida pelo estado e pela comunidade, acentuando as dificuldades de trabalho nas instituições. Podemos caracterizar o papel da Instituição pelas suas relações sociais e pela relação de poder que existe independente da ação do psicólogo, visto que está se constrói através da interatividade social dos membros envolvidos neste cenário. (CASELLA, 2004).

Como reforçado por Albuquerque (apud GUIRADO, 2009, p. 1) a caracterização da instituição se fará:

A partir do momento em que encontra um objeto institucional, esse objeto deve ser algo imaterial para que possa haver uma desapropriação quando necessária [...] o objeto institucional estrutura a prática institucional, esse objeto deve ser o único para a instituição, não pode ser algo material, pois, deve ser algo transicional.

Toda instituição tem seu objetivo específico e a sua organização própria, ambos objetivos devem ser conhecidos pelos psicólogos já no início de sua entrada na instituição. Bleger (1984, p. 42) declara que:

Além do estudo destes objetivos e de sua dinâmica e conseqüências, devem também ser valorizadas as finalidades ou objetivos que a instituição tem para solicitar a colaboração profissional de um psicólogo.

Para que a instituição solicite e aceite o assessoramento de um psicólogo como psicólogo institucional, esta deve ter certo grau de maturidade ou "*insight*"<sup>1</sup> de seus problemas ou da situação conflituosa, sendo a função do psicólogo tomar maior consciência da real necessidade.

Destacamos dois aspectos diferentes nos objetivos da instituição: seus objetivos próprios (explícitos ou implícitos) e os objetivos para os quais se solicita ou aceita o trabalho do psicólogo, integrando assim os objetivos do psicólogo aos objetivos da instituição, obtendo a fusão de enquadramento da tarefa.

Para Bleger (1984, p.43):

---

<sup>1</sup> Insight: *psic* compreensão ou solução de um problema pela súbita captação mental dos elementos e relações adequados.

A demarcação dos objetivos gerais ou mediatos de sua tarefa; sua aceitação ou não dos objetivos da instituição e/ ou dos meios que esta utiliza para alcançá-los; diagnóstico dos objetivos particulares, imediatos ou específicos.

O psicólogo jamais deve aceitar o trabalho em uma instituição, cujo objetivo da mesma o psicólogo não esteja de acordo, visto que, o objetivo do psicólogo institucional é conseguir temporizar a organização e suas condições, para promoção da saúde e bem-estar dos integrantes da instituição. É neste contexto que surge a Psicologia Institucional. (BLEGER, 1984).

## **2 PSICOLOGIA INSTITUCIONAL x PSICOLOGIA NA INSTITUIÇÃO**

Para iniciar nossos estudos é válido ressaltar a diferenciação entre Psicologia institucional e Psicologia em uma instituição. Pode-se dizer que a Psicologia em uma instituição se faz pela atuação do psicólogo, enquanto empregado, no qual se limitará a executar ações determinadas pela própria instituição, ou seja, a instituição contará apenas com sua força de trabalho mediante o que lhe é imposto.

Contudo, a atuação do psicólogo institucional, garante a autonomia na execução do seu trabalho, trazendo liberdade de planejar suas ações e estratégias, pautadas nos diagnósticos levantados. Portanto, sua atuação favorecerá o ambiente institucional nas relações interpessoais, trabalhando em cima dos interesses da instituição e da comunidade. (GULA; PINHEIRO, 2007).

## **3 CONCEITO DE PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

A Psicologia Institucional surgiu como necessidade de um trabalho de atuação do psicólogo, sendo este um investigador de fenômenos científicos no âmbito individual e social. Ela está inserida tanto na história das necessidades sociais como na história da psicologia, não tratando apenas do campo de aplicação da psicologia, mas, também do campo de investigação.

Na definição de Bleger (1984, p. 31):

A psicologia institucional não é um ramo da psicologia aplicada, mas sim um campo da psicologia como profissão [...] penso que não se pode ser psicólogo se não se é, ao mesmo tempo, um investigador dos fenômenos que se querem modificar e não se pode ser investigador se não se extraem os problemas da própria prática e da realidade social que se está vivendo em um dado momento.

A Psicologia desenvolve-se no âmbito abstrato e afirmou-se gradativamente e progressivamente no âmbito do que é concreto. Este processo segue etapas propostas por Bleger (1984, p. 33) que visam:

Estudo das partes abstratas e abstraídas do ser humano; estudo do ser humano como totalidade, mas abstraído do contexto social; estudo do ser humano como totalidade nas situações concretas e em seus vínculos interpessoais.

Partindo deste último enfoque, verifica-se que os âmbitos se amplificam de forma progressiva. Estes aspectos na fala de Bleger (1984, p. 33-34), definissem como: "Âmbito psicossocial (indivíduos); Âmbito sócio – dinâmico (Grupos); Âmbito institucional (instituições); Âmbito comunitário (comunidades)". Portanto, a Psicologia institucional englobará, um conjunto de organismos físicos concretos, que possuem certo grau de permanência em algum momento da vida humana, estudando assim todos os fenômenos humanos correlacionados à estrutura, dinâmica, Psicologia e as estratégias de trabalho em Psicologia Institucional, através do seu método de trabalho.

Na visão de Bleger (1984) o método de trabalho Institucional apresenta-se com distintos métodos ou diferentes procedimentos e enquadramento, descartando tudo o que possa significar obrigação, exigência de resultados imediatos. Ou seja, a Psicologia Institucional tem um caráter de investigação científica submetida a um método que devemos conseguir que seja progressivamente rigoroso.

Desta maneira, teremos um modelo de enquadramento clínico e psicanalítico resultante do emprego da dita Psicologia Institucional. O modelo do enquadramento psicanalítico não consiste apenas no registro cauteloso e completo dos acontecimentos, mas também na observação dos seus detalhes; na compreensão da significação dos acontecimentos; na tabulação dos resultados compreendidos, considerando novas hipóteses e variáveis no que tange o registro dos efeitos. (BLEGER, 1984)

Uma vez caracterizado o modelo de enquadramento, faz-se necessário fixar uma técnica de enquadramento. Conforme definição de Bleger (1984, p. 47) "*Técnica de enquadramento é um conjunto de operações e condições que conduzem a estabelecer o enquadramento e que constituem também uma parte do mesmo*". Portanto, a atuação do psicólogo institucional se embasará

pelos modelos e técnicas de enquadramento, e os objetivos vigentes na instituição, como veremos no próximo tópico.

#### **4 PAPEL DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO**

O papel de atuação do psicólogo institucional é entender e absorver os objetivos da instituição enquanto espaço com particularidades e princípios próprios a serem atingidos. Neste sentido ele será um agente transformador e temporizador, portanto, deve ter objetivos claros e próprios para orientar suas práticas e manejos, utilizando métodos assertivos que atendam à instituição em sua totalidade.

Há uma diferenciação evidente entre o papel do Psicólogo na Instituição e do Psicólogo Institucional, esta ideia é bem clarificada na fala de Bleger (1984, p. 45):

O primeiro realiza uma tarefa que se lhe encomenda realizar; o segundo diagnostica a situação e se propõe agir sobre os níveis ou fatores que detecta como sendo realmente de necessidade para a instituição [...] o primeiro é um empregado; o segundo é um assessor ou consultor com total independência profissional.

Por este motivo o termo Psicologia Institucional pode nomear diferentes práticas psicológicas dentro das instituições, sejam estas, hospitais, escolas, empresas etc., pois, independentemente do enfoque ou da atividade ali desenvolvida, a instituição como um todo será seu objeto de intervenção, ou seja, dentro da instituição que não o consultório, o psicólogo atuará conforme a demanda institucional. (GUIRADO, 2009)

Neste contexto, o psicólogo como parte de uma instituição terá dois caminhos a seguir, sendo o trabalho pelo viés de uma visão direcionada ao indivíduo, psicodiagnósticos e psicoterapias, tendo objetivos de adequação, seleção e normatização dos sujeitos. Ou, com uma visão direcionada na instituição (intervenção institucional), onde o que importa é a posição do sujeito

nas relações institucionais e não suas características individuais. (GRACIA; COROADO; PEREIRA, 2021)

Assim, o psicólogo possui uma dualidade significativa de papéis, pois de um lado deposita parte de sua subjetividade, métodos e abordagens na instituição, e de outro, é afetado pelas especificidades e condições da instituição e de seus indivíduos.

Para Bleger (apud LIMA et. al, 2015, p. 2), *“instituição e indivíduo apresentam uma edificação que proporcionam uma identidade, onde indivíduo é instituição e vice-versa”*.

Caberá ao psicólogo atuante na instituição, identificar as demandas problemáticas e intervir sobre estas, visando resultados satisfatórios de curto, médio e longo prazo no âmbito institucional, promovendo através de sua flexibilidade profissional, a fusão dos interesses da instituição, do indivíduo e da comunidade, esta flexibilidade se traduz em ganhos pessoais e profissionais.

As primeiras tratativas do psicólogo buscarão identificar o objeto institucional e/ou possíveis problemas da instituição através de análises multifatoriais inerentes a este espaço, ou seja, seu contexto social, sua estrutura física, suas relações e fenômenos humanos, observando estes fatores de vários aspectos, estabelecendo hipóteses, que poderão ser confirmadas ou desmitificadas durante sua atuação na instituição.

Essas complexas tratativas ganham significado na fala de Coimbra (apud EIDELWEIN; PAULON, 2017, p.530):

Esse é um grande desafio enfrentado pela análise institucional, ao acompanhar os movimentos e transformações da realidade social, ao aprender com eles e tentar negar os modelos de atuação definidos e estáticos.

A Psicologia Institucional possui um cunho social e atribui ao psicólogo este papel socializador tanto nas relações pessoais como nas grupais. (BLEGER, 1984).

Frente estas demandas, o psicólogo deverá aprofundar seu contato com as áreas da instituição, observando como se faz o atendimento e a acolhida, conhecer os problemas da comunidade onde ela se insere, e entender como estas realidades são percebidas pelos demais colegas. Além disso, deverão compreender as condições de trabalho de todos os indivíduos atuantes no

contexto institucional. É importante ressaltar que tais práticas exigem um planejamento de atuação para quaisquer instituições. (CASELLA, 2004)

Destacam-se como pontos importantes neste planejamento, o conhecimento e compreensão do campo profissional, estabelecendo fatores relevantes como o ambiente físico, pessoal, social, qual sua função política e as determinantes que a mantém. Também observar a história por trás desta instituição, nos duplos sentidos o que está explícito em documentos ou verbalizado pelos seus constituintes, e o implícito, que não é imediatamente visível, o ocultado. (EIDELWEIN; PAULON, 2017)

Ainda deve-se pensar sobre o conhecimento operacional da função, saber o que suprirá a necessidade da instituição, quais os resultados que eles esperam após sua intervenção para então elaborar metas que poderão ser traçadas a curto e longo prazo, sendo este um planejamento dinâmico e não estático. (CASELLA, 2004).

Entretanto, não podemos descartar as situações de alto risco e conflito emocional aos quais o psicólogo estará propenso a deparar-se, visto que este já tem uma inclinação ao melhor entendimento humano e sua aceitação, diferente dos colegas que possuem uma visão divorciada do envolvimento pessoal. Portanto, para que sua atuação privilegie os interesses da instituição, este profissional deve-se ater apenas aos vínculos profissionais e buscar um desligamento voluntário contínuo, para que possa observar as situações ali vivenciadas de múltiplos pontos de vista e ajudando também a equipe a discernir situações nas quais o envolvimento pessoal interferirá. (CASELLA, 2004).

O tópico seguinte apresenta sugestões estratégicas de posturas e ações preventivas ao profissional, dando sentido à prática real da Psicologia Institucional.

## **5 ESTRATÉGIAS EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

Para evitar este desequilíbrio de atuação inadequada, primeiramente é necessário traçar estratégias para enfrentamento das condições que envolvem as dificuldades técnicas, econômicas, sociais e políticas que atualmente assombram as diversas instituições onde o psicólogo poderá atuar.

Sobre o papel do psicólogo da atualidade Paulon (apud MELO et. al, 2014, p. 60) sugere:

A tarefa do novo psicólogo, assim vista, é ousar, arriscar-se nos ensaios de criar estratégias que acompanhem as modalidades variadas de constituição da subjetividade. Irrevogavelmente, descolada da concepção tradicional de uma psicologia racional centrada no átomo da consciência, a tarefa do novo psicólogo implica em inventar procedimentos clínicos-críticos consequentes à descoberta de outra hipótese sobre a unidade do sujeito sustentada pelo corpo como grande razão.

Nesta perspectiva torna-se saudável um envolvimento harmonioso do psicólogo com equipe e chefia. Neste caso, o caráter harmonioso sugere que o psicólogo integre seu trabalho a equipe, e proporcione assim uma aproximação natural dos envolvidos, contudo, ele deve fazer isto de forma neutra e impessoal, conquistando a confiança e o comprometimento de todos perante seu trabalho.

Nas palavras de Casella (2004, p. 22), o psicólogo deverá ser:

Figura firme, sem autoritarismo, acessível sem subserviência, confiável sem compromisso [...]. Atingindo maturidade profissional, o psicólogo torna-se o elemento equilibrador na equipe de trabalho, sua presença é constantemente solicitada, sua opinião acatada ou pelo menos considerada, de forma consciente, torna-se figura que impõe respeito como profissional sério.

Seguindo o plano de ação estratégica, o psicólogo deverá fugir do trabalho imediato e da rápida resposta, pois no contexto institucional, as propostas de medidas rápidas e paliativas significarão apenas um remendo institucional, não uma mudança eficaz. Portanto, este profissional deve ter um planejamento do campo de atuação e demanda, sendo a observação a melhor forma de obtê-lo. (CASELLA, 2004)

Para isso, o psicólogo institucional deverá observar o contexto e os indivíduos que ali atuam, e assim entender em quais bases esta instituição está firmada, visto que, cada instituição tem suas particularidades e relevâncias, possuindo uma identidade própria. Cabe ao psicólogo conhecer e entender, como se configura seu trabalho institucional a partir desta identidade, da checagem de arquivos de exames, das entrevistas com os pacientes, do contato direto com a chefia, da discussão dos problemas evidenciados, de suas intervenções assertivas, bem como seu trabalho em equipe. (CASELLA, 2004).

Vale lembrar que o trabalho em equipe, exige um planejamento em conjunto, e deve adotar um caráter interdisciplinar entre as áreas, tornando-se

assim tangível a todos os envolvidos. Trabalhar em equipe de forma interdisciplinar é uma prática crescente no campo da Psicologia Institucional, ela atua como eixo integrador e surge da necessidade das instituições em compreender e intervir em situações desafiantes e conflitantes da própria instituição, sob a ótica de outros olhares e saberes, que juntamente ao psicólogo farão as devidas abordagens e tratativas. (GRACIA; COROADO; PEREIRA, 2021)

No entanto, há um longo caminho a traçar-se para a inserção da Psicologia dentro das instituições, há dificuldades e barreiras enfrentadas por estes profissionais, pois além dos alçozes instituídos pelo sistema, pode haver uma má receptividade das observações clínicas e diagnósticas. Bem como, a falta de entendimento da equipe, ou ainda, a gestão não propiciar encontros desta equipe, comprometendo o resultado que se pretende alcançar.

Entretanto, o psicólogo não deverá desanimar-se nem queimar etapas durante sua atuação profissional, inclusive porque ninguém de fora da psicologia poderá sem orientação e instrução entender as dificuldades e necessidades da instituição, sendo o psicólogo o maior aporte social, científico, econômico e cultural presente nesta relação institucional. (GUIRADO, 2004).

## **O PROCESSO DE ESCUTA E A PRÁTICA DA ESCUTA PSICANALITICA EM AMBIENTES NÃO-CLÍNICOS**

É possível observar a importância da Psicologia Institucional e do exercício da Psicologia nas Instituições. A partir deste tópico enfatizaremos, as contribuições advindas da Psicanálise, baseado em autores da contemporaneidade, os quais discutem e reforçam a relevância, pertinência e as especificidades das práticas institucionais. Tais práticas, podem ser sustentadas e amparadas nos conceitos psicanalíticos, em instituições que, em sua maioria, abrangem a população em situação de vulnerabilidade social e/ou psíquica. (CAZANATTO; MARTTA; BISOL, 2016).

As instituições foram exploradas por Freud nos referenciais da psicanálise, pois ao lançar mão da prática psicanalítica em instituições, se pode desenvolver a própria teoria psicanalítica. Como bem enfatizado por Mannoni (apud CAZANATTO, MARTTA E BISOL, 2016, p. 489):

A possibilidade e a importância da presença da Psicanálise não só nos atendimentos ou na escuta das questões institucionais, mas também na montagem, na estrutura e na proposta de uma instituição. A autora propõe o que chama de alternância entre os vários espaços institucionais, referindo-se à família, à escola e a outras instituições. Ao fazer a criança ou o adolescente circular alternadamente entre esses diversos espaços, busca-se a possibilidade de surgir, pela ausência ou hiância que se cria entre esses espaços, a dimensão da falta, um registro do que não está mais. Dessa forma, a montagem da instituição pode reproduzir uma cadeia de significantes, e se espera que o sujeito surja no intervalo entre eles.

Chamamos a atenção neste ponto, para tecer e articular possibilidades do uso da escuta e fala endereçada, a qual se permite analisar, intervir e diluir questões embaraçosas e instituídas legalmente nestes locais não-clínicos.

Sugerimos ainda que o Psicanalista não deve se acovardar frente às dificuldades encontradas na instituição, e sim, localizar o seu lugar nestes espaços, institucionalizados e considerados não clínicos do ponto de vista do perfil do sujeito atendido.

Para isso, trazemos luz ao conceito de escuta, proposto pelo Psicanalista Christian Dunker (2017) quando sugere, que há um tipo de “escuta colonizada” já instituída e que esta antecede qualquer processo de escutar. O autor correlaciona a escuta a um exercício de também falar, problematizando que quando respondemos o outro, o fazemos a partir de nós mesmos. Este processo de escutar e falar, instala um modelo de linguagem, semelhante ao presente em trocas econômicas e estratégias de negócios, muitas vezes enraizadas e impostas nas relações verticais de poder. Por isso, a evolução humana e social do homem, foram construídas pela obediência hierarquizada.

Neste viés, tendenciosamente os ambientes não clínicos são regrados e banhados por este modelo de escuta, levantando assim uma demanda, sobre como podemos aprender a escutar, visto que diferente do contexto clínico, onde há uma interação direta entre Psicanalista e Paciente, no ambiente institucional há uma diversidade e multipluralidade de elementos, onde será possível considerá-lo e elaborá-lo através da habilidade de escutar, sendo está um fator extremamente relevante. (DUNKER, 2017)

Portanto, podemos imediatamente afirmar que a escuta psicanalítica deverá ser diferenciada nestes espaços e, para isso alguns direcionamentos deverão ser habilitados. A provocação que nos propomos é sobre quais carências e aptidões são necessárias para desempenhar uma escuta psicanalítica institucional.

Inicialmente diferenciaremos os conceitos de *Ouvir e Escutar*, sendo ambas ações semelhantes no seu princípio básico, porém, distintos em sua aplicação. O Ouvir, no seu princípio puro e restrito ao sentido da audição, é inevitável, enquanto a ação de Escutar, pode ser seletiva. Se pensarmos em aptidões anatômicas, compreendemos que o sentido da audição, é uma aptidão fisiológica, de via pela qual se dará a escuta. Paradoxalmente a isso, o processo de escuta, converge para uma prática ativa, que através da via psíquica convoca-se pelo interesse nos discursos do sujeito. (CARVALHO, 2019)

O ouvir e escutar, se dão no cotidiano do sujeito, entretanto, é errado inferir a ideia de que ao colocar-se a serviço do ouvir, o processo de escuta ativa ocorre automaticamente. Neste contexto, ambas se direcionam para um discurso, mas, o ouvir é passivo e o escutar é ativo.

Se focarmos nosso estudo na escuta ativa em um âmbito maior, perceberemos que esta dedica-se a demonstrar atenção e interesse. Há uma compreensão de diferentes saberes, observação e depuração da fala do sujeito. A escuta ativa é uma escuta profissional, há uma estratégia por trás dela, e neste processo o Psicanalista se conecta com a fala do sujeito, doando tempo e espaço de escuta, fomentando possíveis trilhas associativas (CARVALHO, 2019).

Para isso, retomaremos aos direcionamentos de Dunker (2017), e nos próximos parágrafos, indicaremos três movimentos necessários ao processo de escuta psicanalítica em ambientes institucionalizados.

O primeiro movimento desafiador ao psicanalista é “sair de si”, através de uma manobra contra narcísica, renunciando-se de sua identidade. O segundo movimento, é a inequívoca ideia de soberania, que nos conduz a binaridade de verdades absolutas, se um lado está errado o outro está certo e vice-versa, neste contexto se extingue a possibilidade de uma verdade em lugar terceiro, visto que no processo de escuta, podemos ter o que o “Eu” quer

dizer, o que o outro quer dizer e ainda uma terceira razão, que pode desmontar ambas as primeiras hipóteses.

Por fim, o terceiro movimento seria abrir-se para o fracasso da comunicação. Na filosofia lacaniana, o âmago da comunicação são os mal-entendidos, quando há um troca espelhada de falas, cada um escutando e falando pela sua verdade individual. Neste cenário haverá sempre algo mal-dito, não concluído, dúbio, inalcançável de entendimento, ou seja, sempre tem um resíduo a ser explorado. (DUNKER, 2017)

Esses movimentos favorecem a troca desejante pela fala, linguagem e auxilia a clarificação do processo de escuta, uma vez que refuta as informações subliminares e elimina as “telepatias”, evitando o se supor saber o que o outro está falando, colocando palavras no discurso do outro, pois, renuncia-se da posição de poder e colocação a disposição da escuta. (DUNKER, 2017)

Logo, uma escuta psicanalítica torna-se aquilo que instala e propicia possibilidades do trabalho analítico, ela ouve o que sofre, o que padece psiquicamente e estabelece as trilhas associativas. Ciente de que há possibilidades de termos um processo de escuta que cura, como o falado por Anna O, quando infere que a Psicanálise é a “Cura pela fala”, temos um entendimento de que a escuta psicanalítica é diferente da escuta comum.

Para Freud (apud, MACEDO; FALCÃO, 2005) a escuta psicanalítica não estava restrita e acabada quando havia fala, linguagem, mas, incluía também o interesse e atenção aos silêncios e aos sinais não-verbais, o que contribuía diretamente para a formação do sintoma. As contribuições psicanalíticas subsequentes às ideias freudianas, protagonizaram novos estudos e formas para um processo de escuta. Nas teorias propostas por Salman Akhtar (2016) em seu livro *Escuta Psicanalítica: métodos, limites e inovação*, ele sugere que categorizemos a escuta em quatro divisões.

*Escuta Objetiva*: considerada a escuta clássica da natureza humana. Esta não cede às seduções do sujeito, possuindo interesse em como o sujeito está falando. Neste modelo de escuta, o investimento valoriza o processo da fala e não o conteúdo em si. Como efeito colateral, a atenção a detalhes, hesitações, ênfases, convocam o Psicanalista, ao exercício de interessar-se

para algo maior que a história na mente do sujeito, conforme reforçado pelo autor.

Assumir uma postura “de escuta objetiva clássica” coloca o Psicanalista na posição de um observador separado e de um árbitro da realidade e, no que diz respeito à escuta analítica, oferece certo ceticismo com relação às produções verbais do sujeito. (AKHTAR, 2016, p. 23)

Diferente dos Psicanalistas que tentam objetivar a escuta, partimos para a segunda proposta deste autor, a *Escuta Subjetiva*, que se interessa pelo que o sujeito está tentando comunicar, o que ainda é inconsciente e permanece no ponto cego do sujeito. Na tentativa de conscientizar a fala do sujeito, o Psicanalista, desfavorece a Escuta Subjetiva, visto que o sucesso deste modelo de escuta, deve primar a escuta do inconsciente e não no processo da fala assim como retratado no modelo de escuta anterior. (AKHTAR, 2016)

Consideramos aqui, residir na ideia de que o Psicanalista, deve fazer pouco uso e esforço consciente da situação. Conforme Freud (apud AKHTAR, 2016, pg. 26) “*O inconsciente do Psicanalista, se propriamente sintonizado, é diretamente capaz de captar o que o inconsciente do paciente está transmitindo*”.

Neste processo o Psicanalista, experimenta o que o sujeito não suporta sentir ou pensar, por meio de uma projeção, e ao escutar-se subjetivamente e dar atenção aos acontecimentos subjetivos dentro de si, se permite aprender muito sobre o sujeito.

A terceira forma apresentada é a *Escuta Empática*. Para isso, temos uma contribuição importante de Dunker e Thebas (2019, p. 122) sobre o conceito de empatia.

A empatia não é um afeto básico, mas um percurso que dá unidade aos vários modos e momentos de escuta [...] A escuta é tão mais empática quanto mais informa o seu interlocutor que todas as opções estão disponíveis.

Portanto. neste versionamento de escuta, foram fundamentais as contribuições de Fliess (apud AKHTAR, 2016, p.31) quando apresenta o termo “Identificação experimental”. Esta expressão explica o processo do Psicanalista empatizar com o que de fato o sujeito quer dizer, ou seja, ele internaliza e faz uso deste conteúdo de forma transitória, e projeta o que foi internalizado em si

novamente ao conteúdo experimentado pelo sujeito, obtendo assim uma percepção interna e externa.

De forma detalhada Fliess (apud AKHTAR, 2016, pg. 31) coloca:

As quatro fases seguintes nesse processo metabólico: (1) o Psicanalista é o objeto do esforço; (2) ele se identifica com o sujeito, paciente; (3) ele se torna o próprio sujeito; (4) ele projeta o esforço, após ter ele próprio o “provado”, de volta no paciente e, então, se encontra possuidor do conhecimento interno da sua natureza, tendo, portanto, adquirido o fundamento emocional para sua interpretação.

Assim o Psicanalista busca o mundo interno, subjetivo do sujeito, e o auxilia a enxergar significantes ocultos.

Por fim, temos a *Escuta Intersubjetiva*, da qual o autor fez uso dos estudos de Sullivan (apud AKHTAR, 2016, p. 36), que se baseia em três fundamentos teóricos: “o trabalho clínico, o material analítico e a escuta analítica”.

Nesta ideia a percepção do sujeito acaba sendo refém da subjetividade do Psicanalista, tornando a escuta não apenas o desvendamento dos conteúdos ocultos, e sim, o processo de criação de um sujeito analítico que não existia, o que denominou terceiro analítico, como bem colocado pelo autor:

Desta forma, o sujeito analítico é “criado por”, e existe em permanente evolução na intersubjetividade dinâmica do processo analítico: o sujeito da Psicanálise toma forma no espaço interpretativo entre Psicanalista e Analisando. (Akhtar, 2016, p. 37).

Portanto, em essência a prática da escuta intersubjetiva, está conectada e evolui conforme as relações de transferência e contratransferência entre o Psicanalista e o sujeito Analisado.

Para caminharmos ao fechamento de nossas ideias sobre, as contribuições advindas da escuta, convidamos nosso leitor a refletir sobre um escutar de qualidade. Quando priorizamos dar qualidade, inferimos que algo foi investido, e imediatamente torna-se aprendível também. Portanto, escutar com qualidade, exigirá técnicas e exercícios, mas, devemos entender que tudo que antecede isto, são grandezas de aberturas e experimentação. (FIGUEIREDO, 2017)

Ao sentir-se escutado, você quer mais, e ao praticar a escuta do outro, este irá querer mais. Quando estas duas ambivalências acontecem, a arte da

escuta torna-se perene, refutando assim o fenômeno da *desescutação*, denominado por Dunker e Thebas (2019, p. 16;17) como:

O fenômeno coletivo da “*desescutação*” mútua sempre se baseia no sentimento de que cada lado está “apenas” reagindo ao outro [...] O espelho está para o narcisismo assim como o eco está para a “*desescutação*”. A vida em ambientes onde pessoas não se escutam torna-se gradualmente insalubre, chata e um fermento permanente para agressividade. Encontros familiares, funcionamentos institucionais de grupo ou de massa. Primeiro perdemos a polidez, depois a etiqueta, em seguida o cuidado com o outro.

Por fim, a arte da escuta do outro começa pela possibilidade de escutar a si mesmo, e isso envolve riscos. Para isso temos dois aprendizados bem colocados por Dunker e Thebas (2019, p. 33) que: “*Escutar o outro é escutar o que realmente ele diz, e não o que nós, ou ele mesmo, gostaria de ouvir*”.

A escuta é a arte de sentir ou expressar algo que o sujeito de fato experimenta, seja negativo ou positivo, independente da qual perspectiva se está olhando. Por isso, não se escuta o que seria mais tolerável, agradável, adequado ou confortável de sentir.

Escutamos realmente o que está sendo dito e pensado, e não o que deveríamos pensar e dizer. A ação de escutar é uma investigação profunda e pertinente sobre a verdade entre aquele que diz e o que ele diz. (DUNKER, THEBAS, 2019)

Ampliando estas ideias à escuta psicanalítica, podemos assumir que há uma forma única de dizer em cada sujeito, e esta modulação como cada qual precisa e requer ser cuidado. E este processo só é possível pelo exercício do falar/escutar, permitido pela forma única de como cada sujeito, usa instrumentos simbólicos e coletivos, banhados de linguagem segundo seu próprio idioleto.

## **CONCLUSÃO**

A Psicologia Institucional surge da necessidade das instituições em discutir os problemas evidenciados neste espaço, fazendo-o isto de forma madura e consciente. Cabendo ao psicólogo institucional atuar como um assessor, que trabalhará de forma autônoma visando à fluidez harmoniosa desta instituição.

A Instituição é o espaço onde o psicólogo poderá atuar e aplicar suas práticas e manejos de tratamento terapêutico, englobando todos os aspectos

que envolvem o contexto institucional. Sabemos que cada instituição possui uma identidade e objetivos próprios, e é debruçando-se sobre esta identidade e objetivos que o psicólogo entenderá seu papel de atuação, e como ampliará o âmbito de suas intervenções através da análise institucional.

Neste sentido está análise institucional deverá aprofundar-se na busca do que ainda é desconhecido, considerar o que está implícito, porém atentar-se veemente sobre o que está explícito, sendo um investigador de fenômenos ali latentes. Além disso, este profissional deverá estar de acordo com os objetivos desta instituição, evitando assim disparidades que afetarão o desenvolvimento de seu trabalho. A Psicologia Institucional é um campo profissional, que permite a independência profissional e proporciona o trabalho interdisciplinar dentro das instituições, isto se torna enriquecedor, visto que mediados por um psicólogo outros profissionais farão contribuições em cima das observações e proposta do psicólogo.

Com este planejamento feito, o psicólogo deverá apresentar seu plano de ação e mostrar com precisão a equipe, como pretende fazer o trabalho, integrando-os naturalmente a suas práticas. Entender em que base se sustenta a instituição, quais são seus objetivos institucionais, quais práticas serão mais assertivas e eficazes, é de suma importância para fluidez do trabalho do psicólogo institucional, pois é a partir deste equilíbrio que seu trabalho alcançará destaque e solidez.

Percebemos que no viés institucional, há um vasto campo de atuação e receptividade de novas práticas, dentro destas possibilidades, buscamos inserir as contribuições advindas do campo da Psicanálise, ao se valer do trabalho de profissionais, que utilizam como instrumento de trabalho a escuta psicanalítica.

Nos ambientes clínicos a escuta psicanalítica, pode ocorrer de forma personalizada, neste ambiente há um Analista e o paciente, os acordos e modelos de escutas poderão atender as preferenciais destes, segregados de políticas, regras e objetivos institucionais.

Entretanto, percebemos que os ambientes clínicos, também exigem espaços de escuta, visto que além de conceder em sua maioria, auxílio de várias frentes, partindo de condições e diretos primários de sobrevivência a considerável parte da população, as instituições se deparam com sujeitos em

vulnerabilidade sócio psíquica extrema, estando marginalizados e descobertos de amparo.

No entanto, ao se valer do trabalho de escuta, estes ambientes irão acolher e escutar o que sofre e padece do sujeito, ao mesmo tempo, que se constroem através desta escuta, que deve ser ativa, intencionada e interessada ao que se propõem a escutar.

Diferenciamos que a ação de ouvir, é inevitável, ela acontece, porém, o escutar é direcionado, seletivo e demonstra atenção ao que se escuta. Quando se coloca a escuta psicanalítica a trabalho de uma demanda, é possível endereçar a fala, doar tempo e espaço que a fala e a escuta ocorra, sem deixar que os vieses institucionais engessem a fluidez da escuta livre do sujeito.

Portanto, a escuta psicanalítica em ambientes institucionalizados, cria um campo de possibilidades e se articula espaços onde o trabalho, material e escuta analítica obtém fertilidade.

## REFERÊNCIAS

BLEGER, J. **Psico-Higiene e Psicologia Institucional**. São Paulo: Artes Médicas, 1984.

CASELLA, Márcia. **Estratégias em Psicologia Institucional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 171 p.

CARVALHO, Fabio Rodrigo Oliveira. **Sobre a Escuta Psicanalítica: como aprender**. In: JORNADA DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DO CPRS, 1., 2019, Rio Grande do Sul. **Artigo**. Rio Grande do Sul: Instituto de Estudos Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, 2019. p. 1-7. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/511655213/sobre-a-escuta-psicanalitica-como-aprender-151851>. Acesso em: 10 out. 2021.

CAZANATTO, Elenice; MARTTA, Margareth Kuhn; BISOL, Claudia Alquati. **A Escuta Clínica Psicanalítica em uma Instituição Pública: construindo espaços**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, [S.L.], v. 36, n. 2, p. 486-496, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000742014>.

DUNKER, Christian. **COMO APRENDER A ESCUTAR O OUTRO?**. Direção de Christian Dunker. São Paulo: Casa do Saber, 2017. (8 min.), son., color. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kVtE8>

Acesso em: 10 out. 2021.

DUNKER, Christian; THEBAS, Claudio. **O Palhaço e o Psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. 256 p.

EIDELWEIN, Carolina; PAULON, Simone Mainieri. **TECNOLOGIA DO APOIO E DEMOCRATIZAÇÃO NA GESTÃO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE:: reverberações da análise institucional no campo da saúde coletiva**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 518-540, jan. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682017000100032](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000100032). Acesso em: 01 out. 2021.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **As Escutas da Psicanálise**. Direção de Prof. Luís Claudio Figueiredo. São Paulo: Sbpsp – Sociedade Brasileira de Psicanálise, 2014. (2h 14 min) Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U87JX4D7gZ4&t=1409s>  
Acesso em: 20 out. 2021.

GRACIA, Sonia; COROADO, Celia; PEREIRA, Patricia. **Roda de Conversa: Psicanálise em instituições**. Direção de Sonia Gracia; Celia Coroadó; Patricia Pereira. 2021. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=44voCMzuhnE&t=6480s>  
Acesso em: 25 out. 2021.

GUIRADO, M. **Temas básicos de psicologia: Psicologia Institucional**. São Paulo: EPU, 2004.

GUIRADO, M. **Psicologia Institucional: O Exercício da psicologia Como Instituição**. Interação em Psicologia, Curitiba, jul./dez. 2009, (13)2, p. 323-333. Disponível:  
<[ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/download/9447/11377](https://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/download/9447/11377)>  
Acesso em:  
01/08/2021.

GULA, Patricia; PINHEIRO, Nadja. **Entre o limite e a esperança: relato de uma experiência em psicologia institucional**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 358-367, Junho 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932007000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000200015&lng=en&nrm=iso) Acesso em 19 Ago. 2021.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932007000200015>.

LIMA, Jeferson Douglas de; SILVA, Leidiane Kava da; SANTOS, Ronaldo Adriano Alves dos. **A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO INSTITUCIONAL**. In: 1º SIMPÓSIO DE PSICOLOGIA, 1., 2015, Curitiba. Artigo. Curitiba: Champagnat., 2015. v. 1, p. 1-4. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/33707389/A\\_ATUA%C3%87%C3%83O\\_DO\\_PSIC%C3%93LOGO\\_INSTITUCIONAL](https://www.academia.edu/33707389/A_ATUA%C3%87%C3%83O_DO_PSIC%C3%93LOGO_INSTITUCIONAL). Acesso em: 11 out. 2021.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCAO, Carolina Neumann de Barros. **A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta**. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, jun. 2005. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em 02 nov. 2021.

MELO, Vitor Clímaco de; LIMA, Larissa; BRITO, Monique Araújo de Medeiros. **ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO:: a percepção da família**. Clinicaps: Relato de Experiência, Minas Gerais, v. 23, n. 3, p. 57-76, 09 jan. 2017. Disponível em: [https://clinicaps.com.br/clinicaps\\_revista\\_23\\_relato.html](https://clinicaps.com.br/clinicaps_revista_23_relato.html). Acesso em: 18 out. 2021.

VALE, Inácio José do. **Escuta Psicanalítica**. 2020. Disponível em: <https://psicanalise682.wordpress.com/2020/10/07/escuta-psicanalitica>. Acesso em: 16 out. 2021.